

NOS PRIMÓRDIOS ERA NATUREZA, MAS O SERTÃO FOI CIVILIZADO. A RELAÇÃO HISTÓRIA E NATUREZA NA OCUPAÇÃO DO TRIÂNGULO MINEIRO

Sandra Mara Dantas

Professora Associada do Departamento de História

Universidade Federal do Triângulo Mineiro

sandramdantas@hotmail.com

Resumo: O mundo natural é compreendido como necessário ser tratado, civilizado para se adequar à presença humana, aos seus anseios e aos princípios de civilidade. A natureza é cenário para a ação humana como se o homem dela estivesse apartado. No oeste de Minas Gerais, na região de cerrado, inicialmente habitada por nativos caiapós e araxás, os geralistas provenientes de outras regiões implementaram uma série de ações, a fim de transformar as feições primitivas da paisagem em uma com a qual se identificassem. O artigo examina a produção denominada *Sertão da Farinha Podre – Romance histórico dos primórdios*, de Ernesto Rosa. O livro busca construir uma narrativa plausível para explicar como a região alcançou aquilo que o autor considera civilização com a transformação da paisagem natural em cidades desenvolvidas onde o conhecimento humano se sobrepõe à natureza.

Palavras-chave: História e natureza; Processo civilizador; Triângulo Mineiro.

**IN THE EARLY DAYS IT WAS NATURE, BUT THE SERTÃO WAS
CIVILIZED. HISTORY AND NATURE IN THE OCCUPATION OF THE
TRIÂNGULO MINEIRO**

Sandra Mara Dantas

Professora Associada do Departamento de História

Universidade Federal do Triângulo Mineiro

sandramdantas@hotmail.com

Abstract: It's understood that the natural world needs to be treated and civilized to adapt to human presence, to their desire and to principles of civility. Nature is a landscape for human practice, as if man had been apart from it. In the West of Minas Gerais, in cerrado zone, where firstly it was inhabited by native people – the caiapós and araxás – the pioneers from other regions built a lot of structures to change primitive aspects of landscape according to their expectations. This article discusses the composition called *Sertão da Farinha Podre – Romance histórico dos primórdios* by Ernesto Rosa. The book wants to make a description to explain how the region became that the author named civilization with changing of natural landscape in developed cities where the human knowledge overlaps nature.

Keywords: History and nature, Civilizing process, Triângulo Mineiro.

O mundo natural é compreendido como necessário ser tratado e civilizado para se adequar à presença humana, aos seus anseios e aos princípios de civilidade. A natureza é cenário para a ação humana como se o homem dela estivesse apartado. É preciso reconhecer que o homem é parte integrante do ecossistema, tanto como organismo biológico como portador de cultura. O reconhecimento da pluralidade das dimensões naturais e culturais é fundamental porque o modo como compreendemos o mundo é parte de um processo social e histórico. “As paisagens naturais obedecem aos ciclos vitais que regem as leis da natureza, dotadas de temporalidade própria, mas a relação humana com espaços, territórios e organismos acaba conferindo a eles um sentido histórico” (SILVA et al. 2015, p. 300). Logo, os mundos natural e humano não estão dados a priori, são os sujeitos históricos que os constroem em suas relações e de acordo com suas percepções e práticas.

E, assim como a natureza se modifica em seus ciclos e pela ação antrópica, as elaborações discursivas sobre ela se alteram à medida que os homens se relacionam e imprimem significado ao seu mundo. Dessas elaborações podemos destacar as produções literárias e as memorialísticas. A produção literária “registra e expressa aspectos múltiplos do complexo, diversificado e conflituoso campo social no qual se insere e sobre o qual se refere” (BORGES, 2010, p. 98). Isto é, a literatura expressa – social e historicamente – os eventos, as percepções, os hábitos, as expectativas de uma comunidade e de um tempo histórico. É uma interpretação acerca do real e dos modos como os homens o constroem, sendo seus sentidos sempre múltiplos. O modo como cada literato transforma em linguagem as alterações do cenário real é um indicativo dos impactos mentais e sensíveis que afetaram os sujeitos.

A utilização da literatura como fonte histórica é o reconhecimento de que a história abriga dimensões subjetivas e não é possível desprezar as condições sociais e históricas de produção. As transformações de uma comunidade impactam nas múltiplas dimensões da realidade, dentre elas, a produção cultural. Às vezes, na tentativa de compreendê-las (outras de controlá-las), os autores constroem suas interpretações. O texto literário é polifônico e, ao utilizá-lo, o papel do historiador é “confrontá-lo com outros que permitam a contextualização da obra para se aproximar dos múltiplos significados da realidade histórica” (FERREIRA, 2009, p. 77). Os sentidos não são descarnados, são construídos na interação com outras produções e incentivam novas práticas (sociais e culturais).

A produção literária é variada e, nesse espectro, está a produção dos memorialistas, que é bastante comum no interior do Brasil. Ela “se refere à produção que tem na história das cidades seu principal enfoque e nas transformações do urbano sua principal razão de existir, visando, acima de tudo, preservar uma suposta memória das cidades” (CARNIELLI, 2007, p. 34). Nessas produções se encontram as narrativas a respeito das origens, dos marcos e dos personagens que explicam a trajetória da cidade. O memorialista não é um sujeito qualquer. Geralmente, é alguém reconhecido na comunidade (ou em uma fração dela), de grata posição social, distinção intelectual e estreita vinculação com a localidade (embora não necessariamente natural dela). De modo seletivo, a narrativa tenta ordenar o território e ressaltá-lo como espaço familiar e afetivo. Ela auxilia na organização das comemorações, na fixação de datas e marcos, na criação de estereótipos e na formação de uma dada identidade urbana.

Embora sem formação acadêmica em História, o memorialista é reconhecido historiador pelos grupos com os quais dialoga e, geralmente, não se preocupa em apresentar suas fontes e seu percurso metodológico, dado que se ampara no reconhecimento que possui e em seus *status* intelectual. Na maioria das vezes, sua elaboração é cronológica e, ao privilegiar eventos e personagens, elabora uma narrativa que parece querer indicar o futuro a ser observado por seus leitores.

Embora seja recebida pelo público leitor como história verdadeira – aquilo que realmente sucedeu –, a produção memorialista se aproxima da produção literária, visto não atentar para a metodologia atinente ao ofício do historiador. O texto tem características ensaísticas, em que o autor constrói um enredo que se aproxima da obra ficcional, destacando feitos exemplares que quase formam uma epopeia que enaltece a população local, corroborando uma visão positiva sobre si e sua importância histórica. A pesquisa que realiza em arquivos e a consulta a textos históricos alcançam resultado distinto do acadêmico, pois como ensina Certeau, “a operação histórica se refere à combinação de um lugar social, de práticas ‘científicas’ e de uma escrita” (CERTEAU, 2011).

O passado não é monopólio do historiador. Há uma gama de intelectuais que se detém a pensá-lo sob diferentes perspectivas. O memorialista é um deles e sua produção sacia a curiosidade e o interesse por história de um público específico, que são os moradores das cidades, colaborando para a formação da consciência histórica e uma específica concepção de mundo e de história. E, operando com um aparato distinto, o historiador se vale da obra memorialista como fonte e/ou

objeto histórico, pois é testemunha de percepções sobre um tempo e lugar, de relações estabelecidas por diferentes sujeitos e grupos e de projetos e expectativas.

Diante do exposto, propomo-nos a examinar uma produção literário-memorialística para, nela, perceber os modos como a relação homem e ambiente natural é construída e como tal relação impactou nos modos de configuração do mundo social. A obra privilegiada é *Sertão da Farinha Podre – Romance histórico dos primórdios*, que objetiva reconstituir o processo de ocupação da região do Triângulo Mineiro, editado em 2013 pela editora paulista PAEd. Tratamos o livro como produção literário-memorialística porque, ao mesmo tempo em que o autor elabora uma produção de nuances literárias, especialmente um romance, traz consigo um anseio de formação de uma dada memória a respeito da região a que se refere.

Seu autor é Ernesto Rosa, natural de Araxá e que se dedica à pesquisa e escrita da história da cidade. Sua área de formação é Matemática, mas foi escrevendo sobre sua cidade natal que seu nome se tornou conhecido entre a população local, ao destacar eventos, personagens e marcos que, ao longo do tempo, tornaram Araxá um ponto de destaque no oeste de Minas Gerais. Iniciou sua produção há cerca de 30 anos na imprensa local com contos, crônicas e textos históricos que ressaltavam os primórdios da história da cidade e região.

O autor pode ser definido como um intelectual vinculado ao projeto de cidade dos grupos sociais dominantes. Convém salientar que a principal atividade econômica do município é a mineração e há uma nítida disposição em anunciar a cidade entre seus pares e além.¹ Nesse sentido, as produções do autor são importantes colaborações para que seus moradores e outros conheçam uma perspectiva histórica que destaque o lugar e sua trajetória de modo a justificar o itinerário percorrido e as expectativas projetadas por grupos específicos. A proximidade do autor com esses grupos e sua formação acadêmica, visto que foi professor universitário, parece lhe conferir autoridade para elaborar uma versão do processo histórico, que é aceita como plausível.

Em sua formação acadêmica como matemático produziu materiais didáticos, palestras, conferências e publicações de diferentes áreas do conhecimento. Tem mais de quarenta títulos publicados e colaborações na imprensa. Sua vida profissional foi vivida no estado de São

¹ Araxá é conhecida como Terra de Dona Beja, personagem lendária que povoa o imaginário social e que se tornou conhecido nacionalmente com a exibição da novela de título homônimo, na década de 1980. A cidade integra o Circuito das Águas de Minas Gerais por suas reconhecidas propriedades terapêuticas e desde os anos 1940 se tornou polo turístico com a inauguração do Complexo Termal do Barreiro (LIMA, 2015).

Paulo e, nesse período, escrevia a coluna de história do jornal Correio de Araxá. Quando retornou à cidade, passou a receber demandas para palestras em espaços formais e não formais de aprendizagem e incentivo à continuidade de pesquisas e publicações. Desse trabalho resultou o livro *Sertão da Farinha Podre – Romance histórico dos primórdios*.

Trata-se de uma produção que mescla literatura e história, isto é, a partir de um enredo ficcional, transforma “em fatos literários os fatos históricos” (SEVCENKO, 2003, p. 297). Os fatos históricos reconhecidos pela história tradicional são postos em ação por personagens fictícios. Eles parecem materializar-se e cumprem um papel histórico pré-determinado. Sob a forma de um romance, na pena de Ernesto Rosa, as tensões, as mudanças, os avanços e as frustrações no processo de ocupação da região, especialmente do espaço que constituiria Araxá, são apresentados como possibilidades críveis da história.

O romance histórico recupera o processo de formação e ocupação da região oeste de Minas Gerais nos séculos XVIII e XIX, especialmente a área da atual cidade de Araxá. Seu enredo inicia com o comerciante José Gomes que, por se envolver em atividades contrárias aos interesses da Coroa portuguesa, vê-se impelido a fugir de São João Del Rei em direção ao sertão, especificamente Vila Rica. Entretanto, durante a fuga, “procurou lugares mais ermos” e chegou ao Julgado de Desemboque, onde a exploração aurífera era a tônica e convivia com quilombolas, nativos e comitivas de fazendeiros à procura de melhores terras e alimento para seu gado. Ao chegar a Desemboque percebeu que o povoamento estava em declínio e buscavam-se novas áreas. Por fim, fixou-se em um lugarejo que parecia ter potencial de crescimento por possuir uma fonte de águas salitrosas em que os fazendeiros levavam suas boiadas.

Para não ter o risco de ser identificado, o comerciante mudou seu nome para Domingos Ambrósio e inaugurou uma pequena venda em que comercializava fumo, cachaça, rapadura e outros artigos àqueles que por lá transitavam, seja para levar o gado ou alcançar outras paragens. O lugar era denominado Barreiro por ser terreno alagado e pisoteado por animais, fonte de águas salitrosas, mas que também atraía animais de diferentes portes. Aos poucos foi se constituindo um pouso, isto é, local de acolhimento temporário em que os viajantes poderiam repousar e a construção de algumas arranhações, atraindo pessoas de diferentes ofícios e expectativas.

Em meio a fazendas, o Barreiro viu sua paisagem se alterar com a construção de moradias, capela, oficinas; a população nativa – os caiapós e os *araxás* – extinta; o comércio se intensificar e as relações com vilas e cidades maiores suscitarem novas expectativas nos moradores e atrair outros investimentos. E do pequeno povoado viu se formar uma vila, Araxá, que “já era um começo de civilização muito melhor” (ROSA, 2013, p. 151), e dali um conjunto de outros povoados que constituíram o que ficou conhecido como Sertão da Farinha Podre.

A narrativa busca (re) criar o universo dos primeiros a se aventurarem pelas terras do sertão oeste, desconhecidas, quase selvagens, marcadas por uma fauna e flora que ora facilitavam, ora embaraçavam seus intentos. Sobretudo, o romance parece reafirmar as ações humanas como conquista para criação de um mundo dito civilizado e distinto dos aspectos originais.

É sabido que a ocupação do homem branco no oeste de Minas Gerais remonta ao século XVIII. Nesse tempo, a região era conhecida como Picada de Goiás, que “saía de São João Del Rei, atravessava o rio São Francisco, perto da barra do Bambuí e seguia pela Serra da Marcela, proximidades de Araxá, Patrocínio, Coromandel, Paracatu e, em seguida, chegava a Goiás” (RIBEIRO, 2005, p. 182). Era “habitada e controlada por diferentes grupos; indígenas, escravos fugidos e mestiços” (AMANTINO, 2008, p. 29). Esses moradores foram expulsos e/ou dizimados ao longo do século XIX, no que a autora denomina “projeto de civilização para o sertão mineiro”.

Em toda a capitania de Minas Gerais, as concessões de sesmarias permitiram uma expansão na ocupação do território, marcada pela prática da agricultura, da mineração e da pecuária. Na porção oeste, a essas atividades de exploração dos recursos naturais, somavam-se atividades milenares como a caça, a pesca e a coleta. E ao passo que na região das minas, a capitania ia adquirindo feições cada vez mais urbanizadas: no oeste, desenvolveu-se uma sociedade sertaneja que “se caracterizou por uma organização social e política próprias, distante dos centros de poder, [visto que] as distâncias e o próprio meio ambiente dificultavam as ações das autoridades coloniais” (RIBEIRO, 2005, p. 246), bem como as próprias relações entre os moradores.

Os primeiros habitantes das terras foram os índios caiapós, do tronco linguístico Macro-Jê. Os caiapós se estendiam por ampla zona e eram agricultores, praticando também a caça e a coleta. Seu principal cultivo era o milho e praticavam, também, a caça e a coleta de raízes e

frutos. Havia os quilombolas, organizados em comunidades hierarquizadas com “economia baseada na caça, na pesca, nas criações de gado e na agricultura de milho e açúcar” (AMANTINO, 2008, p. 16). E grande parte da população constituída por mestiços se dedicava à agricultura e à pecuária. Outra parte desenvolvia ofícios especializados e outra não possuía ocupação definida, vivendo de trabalhos esporádicos ou mesmo desocupada (o sertão parecia oferecer a possibilidade de libertar-se da árdua luta pela subsistência pela abundância dos recursos naturais).

O oeste mineiro integra o bioma Cerrado. Este é o segundo maior bioma brasileiro, abrangendo um território de aproximadamente 30 milhões de hectares em Minas Gerais e presente nas regiões dos Altos Jequitinhonha e São Francisco, Norte, Noroeste, Alto Paranaíba e Triângulo. Localizado no planalto central, possui alta disponibilidade de água e baixa de nutrientes. Sua vegetação é caracterizada por espécies arbóreas de folhas largas, espessas e rígidas, lisas e cerosas. Com pluviosidade de cerca de 1500 mm e temperatura média de 20° C, é marcado por duas estações anuais bem definidas, uma seca e uma chuvosa. Sua fauna é diversa com espécies de médio e pequeno porte que, por sua vez, constituem uma intrincada cadeia alimentar e de reprodução do bioma (RIBEIRO, 2005).

No bioma do cerrado, nos séculos XVIII e XIX, a despeito do pressuposto das autoridades coloniais e dos discursos acerca da ocupação do território, o sertão mineiro não estava vazio da presença humana. Havia um “vazio de civilização”, no sentido de que a organização social, política e as práticas culturais de seus moradores não coadunavam com as desejáveis pelas autoridades e era possível encontrar indivíduos de todas as índoles, (des) crenças, riquezas e condições.

O vocábulo sertão possui sentidos múltiplos e sua origem recua ao século XVI, em Portugal, sendo que no território brasileiro o sentido mais usual que permanece é de vazio populacional em área do interior. “A ideia de que o sertão é um ‘deserto’ é uma forma de descaracterizar toda uma ocupação anterior daquele espaço geográfico por outras sociedades e justificar a penetração civilizada sobre esse ‘vazio’ humano” (RIBEIRO, 2008, p. 55). Por isso, fazia-se necessário civilizar a paisagem, transformando-a de seu aspecto natural para um humanizado, isto é, empreender uma construção social e histórica.

É esse cenário que Ernesto Rosa tece seu enredo e seus personagens. Ao construir a paisagem em que seus personagens se movem, o autor pinta um espaço físico exuberante de mata

fechada, animais bravios, solo propício ao plantio, fartas fontes de água, vegetação abundante para diversos fins e território extenso com poucos moradores. O ambiente natural parecia estar à espera de ser explorado e transformado pela perspicácia humana, tornando-o útil. O horizonte de perspectiva afigurava-se bastante promissor, não apenas para a ocupação humana, visto que poderia indicar o ‘processo civilizador’ e o sertão converter-se-ia em lócus de progresso.

Mandaram alguns peões acertarem e alargarem a picada por onde entraram para ir marcando o lugar e começar uma incipiente infraestrutura. Mais tarde, todos saíram da mata e se prepararam para o pernoite. Daquele ponto descortinava-se o entardecer de uma imensa paisagem de pequenas colinas verdejantes, iluminadas pelo sol de um lado e sombreadas do outro. Um belo entardecer de nuvens em chamas. Também alegrava o ambiente o canto das seriemas.

__ Que mundão sem fim!!... Exclamou Chico Pacheco. Dizia isso com os braços abertos como querendo abraçar o espaço. Ao mesmo tempo aspirava a brisa cheirosa de cheiro de mato.

__ Vamos povoar o Sertão da Farinha Podre. (ROSA, 2013, p. 75)

De acordo com o romance, foi assim que principiaram as transformações do ambiente natural com a chegada de sesmeiros, vindos principalmente do Vale do Paraopeba com sua parentela, agregados e trabalhadores. Construíram moradias, capelas, currais e outros equipamentos de infraestrutura e foram solidificando um cotidiano em que as fazendas eram quase autossuficientes e os contatos com outras eram esporádicos devido às grandes distâncias.

Periodicamente, aos domingos ou dias santos de guarda, passava um padre por lá para rezar a missa. Era dia de festa! Uma oportunidade para os fazendeiros e suas famílias saírem de seu isolamento naquele sertão e irem a uma festividade – um passeio. Além da missa em si, o evento servia para o conagraçamento entre as pessoas das diversas fazendas, arranjos de casamentos, negócios e trocas de informações. (ROSA, 2013, p. 80)

Diante do cenário descrito de belezas naturais promissoras, o autor realça a ação dos homens brancos dispostos a enfrentarem os desafios e construir uma nova paisagem. Convém mencionar que quando os exploradores e aventureiros chegaram ao dito território, o mesmo não estava despovoado. Então, uma das primeiras tarefas foi expulsar a população nativa, esta que se constituía parte da paisagem que, por sua vez, não se desejava manter. A menção dos elementos da paisagem natural supostamente inadequado é o não reconhecimento de uma racionalidade distinta, de transformação do ambiente. A lógica do explorador se afigura legítima, justificando a expansão por novas áreas aparentemente “vazias” ou inóspitas. É uma

estratégia discursiva que “serviu por séculos e, ainda serve, para justificar a conquista e subjugação do território do ‘Outro’” (CARVALHO, 2010, p. 140).

A população nativa e os quilombolas são rapidamente mencionados no romance, admitindo-se que “foram dizimados, mortos sem piedade” (ROSA, 2013, p. 25). Aqueles aculturados eram auxiliares, visto que conheciam bem os “segredos” da terra. No entanto, essa colaboração era sempre suspeita, afinal, “índio de confiança é índio morto!” (ROSA, 2013, p. 69)

O estranhamento com a população nativa e quilombola remete à desumanização, que permitiu que aquilo que não estivesse convencionalmente reconhecido fosse tratado como inferior e sujeito à violência (THOMAS, 2010). A resistência ocorreu, mas a “superioridade” dos conquistadores se impôs e doravante, sem a ameaça dos primeiros habitantes, a adversidade era os animais selvagens, especialmente a onça e cobras venenosas. Para vencer esse entrave, uma das saídas foi o desmatamento das áreas verdes, ação que tinha duplo sentido: afastava os animais e abria espaço para a agricultura.

Na pena de Ernesto Rosa, à medida que o ambiente natural se humanizava, ou seja, era dotado de equipamentos sociais e técnicos, também tornava-se mais aprazível. Teoricamente normal, nesse processo, a natureza é suplantada como sendo o primeiro estágio para uma condição transcendente. A dependência do mundo natural é fato a ser superado e, para tal, de acordo com o romance, as visitas do mascate ao povoado e as caravanas dos fazendeiros a São João del Rei, apresentado como centro urbano mais próximo, vão ficando mais frequentes. Assim, o povoado cresce e Araxá torna-se o polo de civilização no Sertão da Farinha Podre.

O afastamento do mundo natural é evidenciado quando o autor introduz um novo personagem, o aio. “Que coisa, hem? Araxá já tem até aio!” (ROSA, 2013, p. 230) A admiração parece refletir que o estado de adiantamento do lugar é inegável por já possuir feições de centro urbano. E a chegada de um professor causa certa comoção, notadamente pelo modo distinto de ele garantir sua subsistência.

Despertou muita curiosidade, porque sobrevivia sem trabalhar, sem produzir seu sustento. Não tinha que pegar em enxada para cavar a terra, nem tratar de bois e porcos. Não construía sua casa, mas recebia o necessário para viver. (...) O seu tipo de conhecimento não era muito útil, naquela região de atividades agropecuárias. (ROSA, 2013, p. 232)

A narrativa permite entrever que a despeito da defesa de um mundo civilizado, os hábitos vinculados ao ambiente natural estavam arraigados. O trabalho intelectual não é reconhecido como legítimo, visto que as atividades ligadas ao mundo rural eram as principais formas que garantiam a subsistência aos moradores. Ainda que o lugar se destacasse dentre os demais como centro urbano, sua relação com o mundo natural era notória, sendo dele uma extensão.

O anseio de ser civilizado parecia pressupor o afastamento do mundo natural, mas não de todo. “O homem ocidental ama as paisagens que ele mesmo controla ou constrói, forma nada sutil de gostar de si mesmo” (DRUMMOND, 1991). Havia uma dependência para a subsistência e o homem continua a ele vinculado pelo trabalho de transformação da paisagem e trabalho de cultivo da terra.

Aos poucos, a presença do aio alterou (mas não sem resistência) aspectos da percepção dos moradores sobre práticas de seu cotidiano porque seu discurso foi tomado como verídico, portanto, digno de ser acatado. E se introduziu regras de higiene, comportamentos à mesa e modos de relacionamento que eram considerados melhores e mais elegantes. Seja de forma irônica, seja para conferir autoridade, utilizava-se a expressão “não faça isso, o aio falou!” Daí a adaptação “uai falou”, que geralmente assegurava respeitabilidade e encerrava dada discussão (ROSA, 2013, p. 233, 235).

A esperança de alcançar novos patamares dentre as vilas e cidades do entorno fomentava práticas coletivas, como o trabalho de “reforma do povoado” que lhe outorgou o status de vila. Homens e mulheres, escravos e livres se envolveram e “o lugar ficou mais aprazível, aberto e bonito tendo apenas a mata que recobria o morro depois do córrego. Parecia uma moldura verde” (ROSA, 2013, p. 145).

Nessa perspectiva, Ernesto Rosa vai compondo uma narrativa que eleva Araxá a destaque entre seus pares do Triângulo Mineiro como lócus do qual irradiou a civilização. Em alguns instantes, as contradições enfrentadas também são apresentadas. Devido ao afastamento e isolamento das áreas administrativas, o lugar estava sujeito a “mandos e desmandos pelo sertão a fora” (ROSA, 2013, p.183), como no caso de um fazendeiro matar um escravo e ficar impune ou diversos moradores utilizarem o local como refúgio após fugirem de algum delito cometido e/ou de perseguição. A violência permeava o cotidiano e, por isso, a presença de um juiz parecia assegurar a ordem e corroborar o desenvolvimento.

A princípio lugar ermo, o Sertão da Farinha Podre vai sendo construído como obra humana que supera a rusticidade do mundo natural. Do modo apresentado, estava à espera dos exploradores. Trata-se de um cenário, um pano de fundo para a ação efetiva e a utilização dos recursos naturais. É uma fase transitória.

O trabalho literário de formulação de enredo, cenário e personagens e de estruturação da narrativa é plausível e transporta o leitor para uma paisagem idílica que vai, paulatinamente, humanizando-se. Aí se reforça alguns mitos como o de “mata virgem”, que “remete a uma pureza, a uma não corrupção [que se] refere à conotação de não exploração ‘produtiva’ e à não presença humana na paisagem” (CARVALHO, 2010, p. 135). O uso do vocábulo sertão é similar para justificar a expansão como necessária e para aproveitar territórios não explorados.

Ao tomar seus escritos realizados para a imprensa e compor uma narrativa que se quer cativante, ficcional, mas crível, o autor parece intentar o que aponta o historiador Nicolau Sevcenko: ler “a história simultaneamente ao ato de ler a literatura, reproduzindo como pelo avesso o movimento de quem fez história fazendo literatura” (SEVCENCKO, 2003, p. 291). Ao leitor, a ocupação do sertão oeste mineiro é apresentada como espécie de epopeia, em que o caráter violento que envolveu os povos nativos e a natureza natural é nuançado. À vista disso, o processo histórico, embora envolva contradições, é legitimado, pois decorreu um ‘novo mundo’ civilizado, portanto, melhor.

Igualmente, é um trabalho memorialista que transparece um anseio por reforçar uma memória histórica que privilegia a cidade de Araxá. Em um dos diálogos entre personagens é possível identificar esse aspecto:

O primeiro arraial do Sertão da Farinha Podre foi Desemboque, que cresceu, virou cabeça de julgado e depois entrou em decadência e está desaparecendo. Acabou a mineração, virou cidade-fantasma! Desse jeito, o povoado vivo mais antigo de todo o Sertão da Farinha Podre é Araxá. (ROSA, 2013, p. 241)

O lugarejo que iniciara como pouso tornara povoado, depois vila e, por fim, cidade. E dali irradiou o ideal de civilização por outras paragens com o desenvolvimento de outros povoamentos que dariam origens a várias cidades do Triângulo Mineiro como Sacramento, Patrocínio, Uberaba e outras.

Nos primórdios são procurados os fundamentos para o presente e expectativas para o devir. Ao se deparar com um mundo natural, os primeiros habitantes não se detiveram diante das

dificuldades e do trabalho. Eles o transformaram e estabeleceram as bases de uma sociedade civilizada. Logo, pelo exemplo do passado, é possível acreditar em uma sociedade em desenvolvimento e em um futuro próspero. Assim, pela escrita de Ernesto Rosa, o extremo oeste de Minas Gerais, dito Sertão da Farinha Podre, foi civilizado a partir de Araxá.

Resguardados os limites do romance histórico, é perceptível como o autor constrói um enredo no afã de reafirmar o pioneirismo e destaque de Araxá. De um cenário de “natureza natural”, isto é, da paisagem de fauna e flora quase intocada, ergueu-se um de “natureza humanizada” que possui aspecto civilizado, em que o homem utiliza da natureza conforme seu proveito. E ainda que no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba a cidade de Araxá não seja a maior em número de população, de economia mais destacada e/ou politicamente influente, a obra literário-memorialista estampa um nítido anseio de positivar a memória local, tomada como sinônimo de uma história exemplar a ser lembrada e acreditada como verdadeira.

Fonte:

ROSA, Ernesto. **Sertão da Farinha Podre** – Romance histórico dos primórdios. São Paulo: PAEd, 2013.

Referências:

AMANTINO, Márcia. **O mundo das feras:** os moradores do sertão oeste de Minas Gerais – século XVIII. São Paulo: Annablume, 2008.

BORGES, Valdeci R. História e Literatura: algumas considerações. **Revista de Teoria da História**, Goiânia, Ano 1, n. 3, p. 94-109, jun. 2010.

CARNIELLI, Flavio de Godoy. **Gazeteiros e bairristas:** histórias, memórias e trajetórias de três memorialistas urbanos de Campinas. 2007. Dissertação (mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

CARVALHO, Ely Berço. No fundo da mata virgem: a complexidade de um elemento mítico no imaginário Ocidental sobre a natureza. **Tempo e Argumento**, v. 2, p. 135-153, 2010.

CERTEAU, Michel. A operação historiográfica. In: CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011, p. 45-111.

DRUMMOND, José Augusto. “A história ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa”. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 177-197, 1991.

FERREIRA, Antonio Celso. Literatura: a fonte fecunda. In: PINSKY, Carla e DE LUCCA, Tania (orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 61-118.

LIMA, Glaura Teixeira Nogueira. **O diamante líquido: história, memória e turismo na cidade balneária de Araxá**. Uberlândia: EDUFU, 2015.

RIBEIRO, Ricardo F. **Florestas anãs do sertão: o cerrado na história de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2 ed. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

SILVA, Sandro; SÁ, Dominichi; SÁ, Magali. (org). **Vastos sertões: história e natureza na ciência e na literatura**. Rio de Janeiro: Mauad, 2015.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)**. São Paulo: Cia das letras, 2010.

Recebido em 20/01/ 2019

Aprovado em 27/ 04/ 2019

Publicado em 30/08/ 2019